

O BERTO da GRENDA



Director — HUGO D'ALMEIDA

SEM ANARIO NACIONALISTA

Editor — ANTÓNIO LINO

CASAS ECONÓMICAS

POLÍTICA DE REALIDADES

No lugar das Aldeias, da freguesia de Urgezes, em local higiénico e saudável, iniciou-se já a construção das casas económicas, que hão-de ser ninhos confortáveis e sorridentes das famílias dos trabalhadores filiados nos Sindicatos Nacionais com sede em Guimarães.

Foi da brilhante jornada da festa do 1.º de Maio de 1935 que nasceu a promessa do cumprimento da mais instante reivindicação dos trabalhadores vimaranenses.

Emquanto, antes da Revolução Nacional, das manifestações truculentas e comicieiras do 1.º de Maio ficavam apenas como negras recordações, manchas de sangue, atentados, lançamentos de bombas, tiros e destruições, sob o signo do Estado Corporativo, sob a égide de Salazar, fica um bairro operário de 200 casas.

E' neste paralelo que reside a destrinça entre o passado e o presente.

Mas o passado não nos interessa, dizem os derrotistas e os despeitados desta hora de Vitória.

Têm mais sede de sangue, maiores desejos de represália.

10 anos de Estado Novo, de acção reformadora e progressiva, de transformação nacional, merecem enérgico correctivo.

Hoje, só o canibalismo espanhol os seduz, com todo o seu séquito de horrores.

Tamanha evolução é bem digna de registo.

*
* * *

Res non verba — eis a legenda da política do Estado Novo.

Dentro de poucos meses transformar-se-á em realidade a promessa do bairro operário.

As habitações em construção não serão apenas o abrigo material do individuo.

Queremos que seja alguma cousa mais, disse o Sr. Dr. Pedro Teotónio Pereira: o verdadeiro lar do trabalhador, prémio do seu esforço fiel e constante.

«Queremos que as nossas casas económicas, embora singelas e pequenas, contenham condições de conforto e de higiene capazes de assegurar a alegria de viver, a saúde moral e material dos que nelas habitam.

Queremos, também, que em frente de cada casa se demarque o espaço florido do jardim, onde o português, tam apegado à terra, possa esquecer um momento que é presa da cidade na sua luta pela existência.»

As nossas casas formarão também o casal de família.

Os sócios dos Sindicatos a quem hajam sido atribuídas habitações económicas adquirirem a sua posse e propriedade mediante a celebração do contrato. Assim, no cálculo da prestação mensal serão considerados os encargos destinados a garantir o seu pagamento em caso de morte, invalidez, doença e desemprego do morador.

As casas operárias serão património da família, cuja transmissão após a morte do adquirente está garantida.

Ninguém pode contestar que esta obra oferece aspectos de beleza moral.

«Os que necessitarem de provas mais visíveis de que o País se levanta numa verdadeira ressurreição — há sempre discípulos de S. Tomé, tardos e suspeitosos — terão em breve na industrial e progressiva freguesia de Urgezes, importante colmeia operária de Guimarães, com que sarar a sua incredulidade.»

Em face de realidade tam gritante, que o sol beijará todas as manhas ao assomarlá no alto do dorso da Penha, ficarão esmagados os derrotistas e despeitados da política de verdade do Estado Novo.

Talvez a cegueira ainda procure denegrir tam bela realização.

Mas os operários dos Sindicatos que nas casas económicas se alojarem, bemdirão a Deus pelo Estado que pela primeira vez em Portugal soube cuidar da sua habitação com espírito de justiça social.

A' MARGEM

O orçamento na vida do Estado

Assumiui visos de relêvo e destaque, a notabilíssima conferência que o sr. major Velhinho Correia leu na escola de oficiais em Caxias, subordinada ao sugestivo titulo «O orçamento na vida do Estado».

Este substancioso trabalho primou pela clareza, pelo rigor e espírito de verdade.

Nêle o reputado economista Velhinho Correia declarava:— «De há muito que presto homenagem ao esforço salvador e renovador de Salazar.»

«Esta homenagem, aliás bem sincera, não era a homenagem de um correligionário visto que não abdi-quei nem abdiço das minhas ideias.»

«Os orçamentos de Portugal, neste período de restauração económica que estamos atravessando, são orçamentos suficientemente dotados, dum país que estando à beira do abismo, se salvou e que progride, não precisando dos favores de ninguém para ter o seu lugar ao sol.»

«Não se calcula o legítimo orgulho que tenho em fazer esta afirmação.»

Poucos financeiros em Portugal têm, como Velhinho Correia, o conhecimento da situação financeira do Estado antes do 28 de Maio.

As suas palavras têm a autoridade que a experiência pessoal fornece.

No final da sua brilhante conferência, o ilustre economista afirmou que marchamos para um Portugal maior e melhor, que o plano de reconstituição económica, a executar no prazo de 15 anos, faz abertamente antever.

Nós somos revolucionários no mais alto e nobre conceito que esta atitude pode traduzir, na hora em que passa no mundo um vento de desvaio.

Somos revolucionários porque não estamos ligados aos erros e às mentiras que destruíram a alma das nações e encheram os povos de revoltas surdas e de misérias desesperadas.

Somos revolucionários porque não somos conservadores e porque não cruzamos os braços. O drama dos tempos modernos encontra-nos de pé, prontos para a luta e seguros da vitória.

Dr. Teotónio Pereira.

DA CIDADADE

SOCIEDADE

ANIVERSÁRIOS:

Fez anos, no passado dia 7, o nosso assinante e colaborador prof. Jerónimo Francisco de Castro.

Saudamos o camarada.

Durante a próxima semana fazem anos as ex.^{mas} sr.^{as}:

Dia 14 — D. Raquel Ricardina da Costa Vaz Vieira.

Dia 15 — D. Maria Ernestina Machado da Costa Santos e D. Maria Izabel Miranda da Costa Barros.

E os ex.^{mos} srs.:

Dia 9 — Mons. José Maria da Silva e dr. Fernando Gilberto Pereira.

Dia 10 — Amadeu da Costa Carvalho.

Dia 11 — Luiz Gonzaga Pereira.

Dia 12 — Engenheiro Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral.

Dia 14 — Francisco António de Freitas e Domingos José de Sousa Vaz Vieira.

DE VISITA:

Esteve nesta cidade, domingo passado, em visita a sua estimada família, o nosso conterrâneo e distinto poeta, sr. Delfim Guimarães.

CORPO NACIONAL DE ESCUTAS

Alcateia n.º 4 (D. Afonso Henriques) — Amanhã realiza-se a Comunhão Mensal desta Alcateia, na Igreja de S. Sebastião.

A formatura será às 7,45 horas.

Grupo n.º 6 (S. Dâmaso) — Amanhã a formatura será às 7,45 horas, para se assistir à Santa Missa.

Todos os escutas devem apresentar-se devidamente uniformizados.

Haverá, se o tempo o permitir, o passeio ao Campo.

Novo Grupo — No próximo dia 31 do corrente mês, há-de realizar-se na importante freguesia de Brito a inauguração de mais um novo grupo de escutas que vem engrossar as fileiras do Núcleo de Guimarães, do já glorioso Corpo Nacional de Escutas, associação verdadeiramente integrada na Acção Católica, e fiel cumpridora do método do genial fundador do escutismo, o general Lord Robert Baden Powell.

Boa caça desejamos aos seus organizadores em prol da Juventude daquela importante freguesia.

VIDA CATÓLICA

3.º Domingo depois da Páscoa

Evangelho:

Um pouco e já me não vereis; e outra vez um pouco e ver-me-eis porque vou para o Pai. Disseram então entre si alguns dos seus discípulos: Que é isto o que êle nos diz: Um pouco e já me não vereis e outra vez um pouco e ver-me-eis, porque vou para o Pai? Diziam pois: Que é isto que êle diz: Um pouco? Não sabemos o que êle quer dizer. E Jesus conheceu que queriam interrogá-lo e disse-lhes: Vós preguntais uns aos outros porque é que eu disse: Um pouco e já me não vereis e outra vez um pouco e ver-me-eis. Em verdade, em verdade vos digo que vós haveis de chorar e gemer e o mundo se há-de alegrar e haveis de estar tristes mas a vossa tristeza há-de converter-se em alegria. A mulher quando dá à luz um menino, já se não lembra da aflição, pelo gozo que tem, porque nasceu um homem. Vós, pois, sem duvida também estais agora tristes, mas eu hei-de ver-vos de novo e o vosso coração se alegrará.

S. João, XVI, 16-22,

Considerações:

Foi êste evangelho tirado do dircurso de Jesus a quando da última ceia e bem se pode considerar um resumo de toda a doutrina do Salvador. E' certo que o Divino Mestre preparava os seus discípulos para a separação motivada pela morte a que se ia entregar; mas também se pode ver no presente evangelho a explicação da vida cristã neste mundo. Não é ela vida de cruzes, de mortificações e penas, vida de espinhos e tristezas? E' que o Senhor assim o determinou: vós haveis de chorar, gemer e estar tristes. Por isso, os cristãos que bem compreenderem as palavras de Jesus, estão penetrados de que esta tristeza há-de converter-se em alegria.

As cruzes da vida são uma esmola da mão de Deus; levam os cristãos a reflectir sobre o destino eterno para que foram criados, tendo na devida conta os bens caducos da terra e sobretudo vão com elas pagando ao Divino Criador as dívidas contraídas com os seus pecados. Choram os cristãos neste mundo? Não importa. Como a vida não é senão uma peregrinação através de região estrangeira, essas lágrimas trazem doces consolações e enchem a alma dum paz toda celeste; essas lágrimas enxugadas pela própria mão de Deus, darão lugar a uma infinda alegria; essas lágrimas acabam com o *poucochinho* da separação para ver de novo a Jesus — a felicidade eterna a que o Senhor com a sua morte chamou todos os homens.

Cruzada Eucarística das Crianças

Na Igreja-Paroquial de S. Sebastião tem amanhã lugar a Comunhão Mensal desta Cruzada Eucarística pelas 8 horas.

Catequese de S. Paio

Amanhã na Igreja da Misericórdia, servindo de Paroquial, realiza-se pelas 8 horas a Comunhão Mensal das crianças da Catequese.

Mês de Maria

Estão a decorrer em todos os Templos da cidade, os exercícios em honra de Nossa Senhora, os quais têm sido muito concorridos.

Congregação de Maria Imaculada (Homens)

Amanhã realiza-se na Basílica de S. Pedro a reunião desta Congregação Mariana, a qual constará de Missa, Prática, Comunhão Geral e Bênção do Santíssimo Sacramento pelas 7,30 horas.

Capela de S. Crispim

Também nesta Capela que durante anos se encontrava fechada ao Culto, estão a decorrer os exercícios de Nossa Senhora, os quais se realizam pelas 21,30 horas só para homens, tendo sido muito concorridos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PEDIBOLA

Vitória — Desportivo de Monsão

Visitou-nos domingo pretérito o valoroso grupo Desportivo de Monsão, que em luta com o Vitória, ficou vencido pelo largo score de 6-1.

O Vitória, exceptuados os primeiros minutos de jôgo, comandou sempre a partida.

Todos os sectores cumpriram, salvo os dianteiros que pecaram pela má colocação e excessiva morosidade em frente às rédes adversárias.

Apenas Clemente soube, quando o encontro estava prestes a terminar, ser enérgico e decisivo, pelo que conseguiu três bolas quasi consecutivas.

O encontro

Os primeiros minutos do desafio decorreram em equilíbrio, com jôgo a meio campo.

Num crescendo contínuo o Vitória impôs a sua técnica e organiza forte assédio às rédes monsaenses.

Faltou, porém, fogosidade aos dianteiros, para concretizarem o dominio exercido.

Vergílio aponta bem às rédes adversárias, sem *keeper*.

A bola bate num jogador monsaense, que evita o *goal*.

Sucedem-se os cantos contra os visitantes.

Vergílio aproveita a marcação de um dêles e obtém o primeiro *goal*.

Bravo consegue o segundo.

Ricoca, após deslocação de Faria, encontra-se sozinho em face de um dianteiro adversário prestes a chutar às rédes.

Lança-se no momento oportuno e apodera-se do esférico.

O público aplaude esta arriscada defesa.

Passados instantes intervém noutra fase perigosa.

Com o resultado de 2-0, termina o primeiro tempo.

Na segunda parte Ricoca consente na entrada de um *goal* de fácil defesa e Clemente eleva o marcador a 6 bolas.

O Vitória acentuou nesta parte o seu dominio.

Arbitrou com imparcialidade e rigoroso espirito de observação, o sr. João Passos.

Antes dêste encontro defrontaram-se as reservas do Vitória com o grupo de honra do Maximinense, que ficou derrotado pelo copioso resultado de 9-2.

Este encontro teve a assinalá-lo a fraca arbitragem do sr. Almeida Ferreira, que do público mereceu fortes protestos.

No oitavo ano da gerência do Sr. Dr. Oliveira Salazar

O dia 27 de Abril fica na nossa história a assinalar o início do ressurgimento nacional. Foi nesse dia que, em 1928, o sr. Dr. Oliveira Salazar assumiu o cargo de Ministro das Finanças. Logo nos seus primeiros e concisos discursos marcou, mais que um plano financeiro, um plano político. Teria sido inútil o esforço exigido à Nação para se submeter a uma disciplina rigorosa se o pensamento que passou a orientá-la se restringisse ao simples fim de um equilíbrio orçamental alcançado por meios legítimos, sem ao mesmo tempo garantir a firme resolução de que não mais se reproduzissem as causas que, durante um século, fizeram a ruína da Nação. O sr. Dr. Salazar foi o grande reformador que veio restituir à alma nacional a consciência dos seus próprios destinos.

Em oito anos de administração financeira é difícil já especificar o que em cada sector da vida pública e da economia nacional deriva do trabalho imenso, paciente, tenaz e sapiente do Ministro das Finanças. Através da mais tremenda crise económica que jamais se fez sentir, pudemos realizar o nosso ressurgimento e refazer-nos dos desgastes da política insensata e perdulária que nos tinha colocado á beira de um abismo.

No dia solene em que passa o oitavo aniversário da posse do Dr. Oliveira Salazar, interessa recordar os factos mais importantes da administração financeira do último ano.

Contabilidade pública. — O ano económico passou a coincidir com o ano civil. Para esse efeito prolongou-se a gerência de 1934-35 até Dezembro.

A lei de meios foi submetida á Assembleia Nacional, que a aprovou.

O Orçamento para 1936 foi pontualmente publicado. Nele figuraram os novos quadros do funcionalismo civil e as dotações consignadas á execução do plano de reconstituição económica. Estas últimas compreendem, além de cerca de 300 mil contos que figuram nas despesas ordinárias, 484 300 contos de despesas extraordinárias, com aplicação ao rearmamento do Exército, reorganização da Marinha de Guerra e Aeronáutica Naval e obras de fomento.

O Orçamento ordinário mencionou receitas no valor de 1:925.364 contos e despesas de 1:923.412 contos, havendo, pois,

um saldo previsto de 1.952 contos. E' o oitavo orçamento que, seguidamente, se apresenta equilibrado.

As despesas extraordinárias foram fixadas em 663.744 contos, dos quais se destinaram 179.445 á amortização dos empréstimos de portos e caminhos de ferro. As receitas extraordinárias mostram-se constituídas pelo produto da venda de materiais dos Caminhos de Ferro do Estado (1.689 contos), pelo produto da venda de títulos (454.055 contos) e pela parte dos saldos das contas dos anos económicos findos, especificadamente para despesas militares, construção do Estádio de Lisboa, monumentos, hospitais e melhoramentos rurais. Por esta forma, o recurso ao crédito fez-se exclusivamente com aplicação a despesas reprodutivas de valorização económica.

Para o rearmamento do Exército fixaram-se 500 mil contos a dispendir em cinco anos, dos quais 150 mil no ano corrente.

Foram também reorganizados os serviços do Tribunal de Contas com o fim de dar a este organismo de fiscalização a maior eficiência.

Divida pública. — Aprovada pela Assembleia Nacional a proposta de lei reformando os serviços da divida pública e promulgando o respectivo diploma, por elle se melhorou, simplificou e acutelou esse delicado instrumento da vida financeira da Nação.

Foi decretada a amortização do empréstimo de 6 p. c. 1932-35 (caminhos de ferro).

Com a aprovação da Assembleia Nacional foi autorizada a emissão de um empréstimo consolidado, com o juro de 3 3/4 p. c. de 500.000 contos, em séries de 100.000 contos.

A divida flutuante continua a acusar saldo credor, que em 30 de Novembro do ano findo se elevava a 771.034 contos.

Contribuição predial urbana. — Desagravamento tributário pela redução da taxa. A incidencia passou a ser sobre o valor das avaliações. A parte da contribuição relativa aos valores excedentes das rendas efectivamente pagas, em virtude das restrições das leis de inquilinato, constitue encargo dos inquilinos nessas condições.

Com isto não se procurou aumentar o rendimento do imposto, mas tam somente fazer melhor justiça fiscal.

Na mesma base se corrigiu a sisa e a contribuição de registo, acutelando a situação especial dos predios sujeitos a limitações de rendimento.

Funcionalismo. — A disparidade de vencimentos proveniente de sucessivas reformas e de remunerações por emolumentos exigia um trabalho de revisão e sistematização que o Ministro das Finanças preconizara já em 1929. Só o poderia realizar quem possuísse invulgar coragem moral. Iam ferir-se interesses adquiridos, mas havia que fazer justiça, pondo termo a situações imorais e estabelecendo remunerações condignas da categoria e responsabilidade dos funcionários. Foram remodelados os quadros, adequando-os ás necessidades dos serviços e estabelecendo normas para o recrutamento do pessoal. Regulamentaram-se as acumulações.

A reforma abrangendo 25.588 funcionários foi feita com ligeiro acréscimo de despesa.

Ao mesmo tempo, providenciou-se sobre a aposentação dos funcionários, dando á respectiva Caixa de Aposentações os meios de se constituir como organismo que não representasse um encargo parasitário para o Estado.

Foi tornado extensivo o direito de aposentação aos contratados e assalariados dos quadros fixos dos serviços públicos.

Aos assalariados do Estado foi reconhecido o direito de gozarem de licenças e de receber vencimentos quando doentes.

Defesa económica. — Foram promulgadas medidas tendentes a proteger, se necessário, a balança comercial contra os países que, por disposições legislativas ou de outra natureza, pretendam dificultar a importação de mercadorias portuguesas, dando que em Portugal nenhuma das dificuldades são postas ao comércio exterior nem á aquisição de divisas para o pagamento de compras no estrangeiro.

Outras medidas. — Foi criado o Instituto Nacional de Estatística com atribuições para uma completa acção de investigação económica.

Regulou-se a forma de contabilizar os juros dos depósitos da Caixa Económica Portuguesa que, por erradas interpretações, não constituíam, desde 1914, encargo do ano a que diziam respeito.

Este breve enunciado de actos

de administração pública precitaria de ser completado com os resultados que dêles e dos praticados nos anos anteriores advieram para o interesse público. Nesse capitulo encontraríamos a série extensa dos benefícios que se traduzem nos indices da vida económica que, não só pelo confronto com o passado mas também com o que se passa noutros países, exprimem bem eloquentemente a posição excepcional que ocupamos. O que se fez dispensou todo o auxilio externo. O nosso crédito no estrangeiro firma-se indefectivelmente e podemos orgulhar-nos de ser olhados com admiração.

Na hora apreensiva e perturbadora que o Mundo actualmente vive, devemos, com plena confiança, merecida pela obra que o nosso Ministro das Finanças e Chefe do Governo tem realizado, formar á sua volta um bloco uno e solidário, pondo a servir com entusiasmo sob o comando do grande português que não só levantou o país da antiga decadência, mas o engrandeceu e o tornou apto a afrontar vitoriosamente a crise universal que é um pesadelo para tantos outros povos.

Conferências pedagógicas

Iniciam-se no próximo dia 14, pelas 13 horas, continuando no dia seguinte á mesma hora, as conferências pedagógicas do professorado do concelho de Guimarães.

Os temas das teses a discutir são: a disciplina escolar, o ensino da caligrafia, o ensino do desenho, o ensino dos labores como falta da educação feminina e o sentimento patriótico na escola.

Os conferentes são professores de reconhecido valor pedagógico.

A estas conferências assistirão o sr. director do distrito escolar de Braga, um inspector-orientador e todos os professores e regentes do concelho de Guimarães.

RECTIFICAÇÃO

E' José Maria Cabral de Sampaio, o nome do distinto official do Exército, chefe do Estado Maior da 1.ª Região Militar, que no último número honrou as colunas de *O Berço da Grei*, com o seu artigo sobre «A Festa do 1.º de Maio em Guimarães».

C O R P O R A T I V I S M O

A Representação de Guimarães na Festa do Trabalho em Barcelos . .

Foi a todos os títulos imponente e grandiosa a representação vimaranense na Festa do Trabalho do Distrito de Braga.

No brilhante cortejo que no passado dia 1 de Maio desfilou através das históricas ruas de Barcelos, Guimarães sobressaiu pelo esplendor dos seus carros, expressivas e artísticas alegorias ao trabalho, pelas numerosas deputações de patrões e operários sindicalizados e pela vibração corporativa que largamente se traduziu em entusiásticos vivas ao Estado Novo e seus principais obreiros.

Eram os homens dos Sindicatos Nacionais da indústria têxtil, de cutelaria e de cortumes, patenteando a sua fé na vitória integral da organização corporativa.

Abria a representação da cidade de Guimarães, o carro do Linho, da casa Teixeira de Abreu & C.ª, cuja concepção de um surpreendente efeito, era realçada pelo rancho de lavradeiras, friso de esplendente colorido e beleza.

Depois vinha a banda dos Bombeiros Voluntários, seguida do carro dos patrões da indústria têxtil.

Ladeavam-no expressivos símbolos do progresso industrial de Guimarães, a primeira colmeia do Minho, conforme a legenda gravada num dos lados.

No tópo, coroando e dominando os troféus da acção de Guimarães no campo da economia nacional, erguia-se o nosso castelo altaneiro, sagrada relíquia da história portuguesa.

Era a aliança do presente às glórias do passado.

Este carro, simbólico e expressivo, deve-se ao traço artístico do sr. Joaquim Teixeira.

O terceiro carro era o do Sindicato dos operários da indústria têxtil de Guimarães, representando também as suas secções de Famalicão, Barcelos e Fafe, pelo que os operários têxteis desta localidade se incorporaram na representação do Sindicato Têxtil de Guimarães.

Levava, em alto relevo, a frase corporativa: *Temos uma doutrina e somos uma força.*

A frente das centenas de trabalhadores sindicalizados iam numerosos patrões, entre os quais o sr. António José Pereira Lima, que tam eloquentemente souberam traduzir o espírito de cooperação entre dirigentes e dirigidos, princípio básico da Organização Corporativa.

Ao alto, em largas faixas de pano, liam-se frases de Salazar, como esta: *Na ordem, pelo trabalho, em prol de Portugal.*

Durante todo o percurso, os operários têxteis, surradores e cuteleiros, soltaram calorosos vivas à Revolução Nacional, a Salazar e Pedro Teotónio.

Quando a representação de Guimarães passou junto da tribuna dos ministros, o entusiasmo recrudesciu.

Aquela massa de trabalhadores numa explosão de alegria, tributo aos membros do governo colorosos aplausos.

O sr. dr. Pedro Teotónio Pereira, extremamente sensibilizado pelas vibrantes aclamações dos operários de Guimarães, levantou-se a agradecer tam espontânea manifestação.

Nêste momento, quando a figura do Homem das Corporações, de pé, sobressaiu na tribuna, os aplausos aumentaram de intensidade.

Uma frenética e prolongada oração pôs termo a esta manifestação.

E o cortejo continuou.

Antes da representação da cidade de Guimarães, iam os patrões e operários do Pevidem com um carro de subido gosto artístico.

A Casa do Povo de Ronfe e o Sindicato Nacional dos Garfeiros de Sande também se representaram com brilho.

O comboio especial à Festa do Trabalho, em Barcelos, saiu de Guimarães às 10 horas da manhã com cerca de 700 pessoas.

Três aspectos da Festa do Trabalho em Barcelos



1 — O carro representativo da indústria têxtil de Guimarães

2 — A tribuna ministerial

3 — Um aspecto do cortejo

Finalidades Sindicais

A Lei, só a Lei, à sombra da qual se vão formando os organismos operários chamados Sindicatos Nacionais, diz que estes «são agrupamentos de indivíduos que exercem a mesma profissão, tendo por fim o estudo e a defesa dos interesses profissionais nos seus aspectos moral, económico e social».

Que assim é interpretada na prática esta doutrina, e que dela tem resultado e resulta melhoria de situação e bem-estar para os assalariados, falam bem alto os diferentes contratos colectivos de trabalho, assinados por patrões e operários. Ao estudá-los desapaixonadamente, despidos de interesses mesquinhos e livres de fórmulas sociais já gastas, o meu espírito vê nêles a maior afirmação do Direito à existência humana do trabalhador e a inflexível Justiça do tempo a considerá-lo um dos mais numerosos

colaboradores da civilização e do progresso.

O Sindicato deve ser para o trabalhador — como para todos os assalariados — não uma arma de agressão patronal, mas sim um vasto campo de colaboração económica de onde derive maior bem-estar.

O Sindicato é vida. A êle está confiada a defesa dos nossos interesses; e, por isso mesmo, os seus homens têm de constituir um bloco disciplinado para bem poder desempenhar essa missão espinhosa e de sacrifício.

Há surdos aos avisos imperiosos de uma vida nova? Não importa. E' preciso agir em defesa dos trabalhadores bem intencionados.

(Do operário Casimiro Augusto Morais, publicado no *Diário do Minho*).

Nêsta maravilhosa parada do trabalho, saúdemos a ante-visão das corporações portuguesas. Será nelas que se consolidará e se concretizará o espírito de paz social, que voltaremos a recuperar o equilíbrio perdido pelas quimeras do outro século.

Bem hajam os que aqui vieram cantar ao sol radioso dêste primeiro de Maio, o hino de esperança que nos anda nos corações.

Trabalhadores portugueses! Vamos continuar a trabalhar juntos nesta tarefa sagrada de deixarmos aos nossos filhos um Portugal Novo.

Dr. Teotónio Pereira.

PATROCINADO PELA UNIÃO NACIONAL

A Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Guimarães, entre outros assuntos de grande interesse, para a Instituição e benefício dos pobres socorridos, resolveu instalar no seu Hospital Geral de Santo António, uma clínica de oftalmologia, e que os doentes pensionistas de 1.ª e 2.ª classe, internados em qualquer dos seus Hospitais, possam ser tratados por qualquer médico à sua escolha mesmo que não faça parte do quadro hospitalar.

O Berço da Grei

Redacção e administração
Rua da República, 48-1.ª

Propriedade da Empresa

Assinatura anual, 90\$00; trimestral, 24\$00 e avulso, 8\$00

Composto e impresso:

Tip. «Minerva» — Famalicão

Uma carta de Pio XI

«Cidade do Vaticano, 23 de Março de 1936.

Ex.^{mo} Sr.

No dia seguinte ao da proclamação dos resultados do concurso de novelas escritas sobre o bolchevismo, organizado pela tam meritória Academia de Educação e de Ajuda Mútua Social, Sua Santidade quer exprimir-lhe pessoalmente sua augusta satisfação pelo excelente trabalho por este modo realizado.

Existe alguma cruzada mais urgente e mais necessária do que esta?

Não se encontra a nossa civilização assediada por todas as partes por esses ataques, tam directamente subversivos da ordem cristã e soberanamente atentatórios da majestade e do nome de Deus?

De outra parte, reconhecer-se-á, sem esforço que entre as armas que se devem empregar contra uma propaganda tam perniciosa, as que a literatura coloca entre suas mãos para promover o saudável encaminhar da opinião pública, em verdade não são das menos eficazes. Basta dizer quanta consolação recebeu o Santo Padre ao ver V. Ex.^a, com sua autoridade de académico francês e de homem de letras tam afamado, exercendo a presidência do júri deste concurso destinado a fazer sobressair as melhores obras que denunciam o grande perigo da época presente.

Sua Santidade não pode ainda deixar de estender, por seu intermédio, suas paternas felicitações a seus distintos colaboradores: a senhora baroneza Hanadel-Mazetti, o visconde Davignon, e os senhores Makla Roffe Gonsalves de Reynold, para só citar os principais.

Apresenta-lhe seus respeitos pessoais e suas felicitações o seu em Jesus Cristo Nosso Senhor.

E. Cardeal Pacelli.

Esta carta do eminentíssimo Cardeal Secretário de S. Santidade (da qual apenas omitimos a referência à viagem do Cardeal Legado a Dakar) foi dirigida a Mr. Henri Bordeause, da Academia Francesa, presidente do júri do concurso internacional promovido pela Academia de Educação e de Ajuda Mútua Social de Paris, a que preside o eminentíssimo Cardeal Baudrillart.

Um concurso de novelas anti-bolchevistas!... A mais bela literatura internacional posta ao serviço da grande cruzada *a mais urgente e necessária*, na própria frase de Pio XI!...

Neste concurso obteve o primeiro prémio a novela — *A fá-*

A LEI DAS COLIGAÇÕES ECONÓMICAS

De sete bases consta a lei que se publicou no *Diário do Governo* de 19 de Março deste ano, acerca dos grêmios e coligações económicas.

A terceira dessas bases reza assim: «O Governo poderá dissolver todas as coligações económicas que exerçam uma actuação contrária aos objectivos da economia nacional corporativa».

«São ilegais — diz a quarta base — todos os acordos, combinações e coligações que tenham por fim restringir abusivamente a produção, o transporte ou o comércio dos bens de consumo, etc.» Os promotores destas coligações são exemplarmente castigados.

Todos que tenham por fim elevar ou baixar exageradamente os preços dos bens de consumo comum, ou diminuir fraudulentamente a sua qualidade — também (base quinta) estão sujeitos ao regime das sanções legais da base quarta.

O facto de alguns grêmios abusarem das suas facultades corporativas, desviando-se assim do interesse nacional, é que levou a Assembleia Nacional a concretizar, na sua segunda sessão legislativa, um poder de que o Governo já estava munido, — para que não se repitam adulterações perniciosas da finalidade da organização corporativa da Nação.

Mas frizemos a ignorância ou a má-fé dos críticos de toda a hora.

O facto referido acima serviu de apoio para os críticos e os inimigos do Estado Novo, que não desarmam nem descausam, se atirarem sanhudos contra a organização corporativa, fingindo ignorar que muitos grêmios têm dado esplêndidos resulta-

brica de homens novos — 50.000 francos de prémio, à sua autora, Alia Rachnanova.

Quando chegará a Portugal essa novela?

Porque não traduzi-la?

Em Portugal quasi nada se tem escrito em nossa lingua sobre o bolchevismo. E o que por aí há — à parte duas ou três obras, incluindo a de Leonardo Coimbra *A Rússia Bolchevique* — é de pouca valia.

Quem se quiser orientar tem de recorrer a livros estrangeiros — mas estes quanto tempo demoram desde a remessa?

E quando chegam à venda, ou se por encomenda, ao destinatário é com um atraso que em parte se justifica pela necessidade da censura, pode dizer-se que já são antiquados.

Bom serviço seria que no nosso país se fizessem editar obras sérias, seguras de infor-

dos, como disciplinadores e salvaguarda da economia nacional, e concluindo enfaticamente, sem reboço, pelo regresso à lei da *concorrência livre*, a mirífica lei do cáos económico e social que nos legou de presente.

Uns, porque vivem afocinhados, atascados na gamela dos seus interessículos gananciosos; outros, porque não lhes sai da medula o mito da liberdade natural, *deus ex machina* da consabida harmonia económica, — todos, numa palavra, estão perros para se convencerem de que a organização corporativa, além de oportuna e vantajosa e necessária, não tem culpa da sua ineficácia, caso transportemos para dentro dela *toda a mentalidade individualista* em que se formou a nossa geração.

O que é para admirar nestes críticos, não é já a obstinação do seu individualismo grosseiro, senão o despudor, o descoco de suporem que, ao ouvi-los, o Estado Novo, que é um Estado corporativo, daria logo em mudar de rumo, incapaz de dominar os rebeldes.

Vê-se que ainda não sabem decifrar a nova fraseologia política dum Estado forte...

Não! A organização corporativa mantém-se e progredirá — porque a Nação o quer, o Estado Novo o quer, — ainda que o não queiram os *descontentes*.

Os interesses dos indivíduos, embora legitimamente salvaguardados, subordinam-se ao interesse da Nação. Contra o interesse da Nação, só se levantava, se fôsse possível, — o interesse dela própria.

Eis o que a lei das coligações económicas preceitua, sem ambages.

mação e de doutrina para orientar a *mais urgente e necessária* cruzada que em França, com tam grandes auspícios levou a efeito à Academia de Educação e de Ajuda Mútua Social.

Com este voto, retomamos a interrompido secção, que destinamos ao pequenino e possível concurso para essa cruzada.

W.

Orfeão de Guimarães

Tudo se conjuga para que a estreia do Orfeão de Guimarães, a realizar no próximo dia 27, no Salão da Sociedade de Martins Sarmiento, fica assinalado como um acontecimento de requintado valor artístico.

Brevemente publicaremos o programa.

Pelas letras

Intitulado *Rompendo as Nuvens*, é brevemente pôsto à venda um livro de versos do nosso conterrâneo sr. Jerónimo de Almeida.

Poeta de dedicada sensibilidade, as suas composições são re-passadas de beleza emotiva, que enleva e compraz.

Uma nova obra literária do sr. Jerónimo de Almeida, figura de relêvo na galeria dos poetas vimaranenses, é sempre aguardada com viva ansiedade.

Confidência

Não me preguntes no que cismo quando,
A' luz da tarde, o sol empalidece:
E' o meu coração que está sonhando,
E, a sonhar, adormece...

Costumo sempre, ao declinar do dia,
Entre as doiradas cinzas do poente,
Aspirar esta vaga nostalgia
Profunda e contundente!

Assim meu coração, todas as tardes,
Quando os raios do sol no azul se
extinguem,
No saltério da Dor, e sem alardes,
Vibra os sons, que os ouvidos mal
distinguem!

E acontece-me então, que destes olhos
Que a nostalgia, a cada passo, isola,
Como gota de sangue unguindo abro-
lhos,
— Uma lágrima rola!...

JERÓNIMO DE ALMEIDA.

(Do livro a sair do prelo:
Rompendo as Nuvens)

Agência do Banco de Portugal

GUIMARÃIS

Serviço de Notas

Encontram-se em circulação novas notas de CINCOENTA ESCUDOS — Chapa 5.^a

Os principais característicos destas notas, podem ser examinados nos exemplares que se encontram patentes nesta Agência.

Guimarães, 4 de Maio de 1936.

Pela Agência do Banco de Portugal em Guimarães
OS AGENTES,

Antão de Lencastre.
Heitor Campos.

DO CONCELHO

Caldas das Taipas

Romaria. — Assistimos no domingo passado, em S. Cláudio do Barco, à festa religiosa em honra de Nossa Senhora dos Remédios e à romaria.

Não somos absolutamente contra as romarias, como elas se realizam na linda terra deste Minho de encantos maravilhosos, — embora tenhamos de confessar, respeitando os direitos da verdade, que essas romagens, inicialmente de piedade popular muito fervorosa, estão paganizadas quasi todas.

Mas não somos absolutamente contra as romarias, porque bem precisa delas o pobre povo que moirreja nos campos continuamente, principiando a labuta, muitas vezes, mergulhado ainda nas sombras da noite, interrompendo-a somente para comer um caldo verde mal adubado, acompanhando-o com uma fatia ou uma côdea de pão milho — e continuando a faina, quantas vezes! sobre as sombras de nova noite. (Vêem que não fazemos referência ao povo que trabalha 8 horas apenas,) porque esse tem carta de alforria e... tempo bastante para se instruir e repousar, nas horas vagas. Se desbarata e se se desvaira é porque... não tem cabeça com suficientes miolos...

O povo dos campos tem nas romarias a maior e melhor oportunidade para um esparecimento de que tanto carece, para repousar e recrear-se e ainda para estabelecer, manter e estreitar relações de amizade. Mais: é nas romarias, frequentemente, onde se encontram olhares que fazem comunicar as almas e, por conseguinte, é nas romarias onde se fundam os lares.

Quantas famílias organizadas sobre os encontros idílicos das romarias da nossa terra minhota!

Nas romarias, desanuviam os nossos lavradores os cérebros e expandem os corações. As romarias são desopilantes e tonificantes.

Côr e som; encanto e alegria; recordando, matando saudades... gerando saudades...

Mas não vinhamos para dizer isto.

Um templo em honra de Nossa Senhora dos Remédios. — Nunca havíamos entrado na igreja de S. Cláudio do Barco, onde a Virgem dos Remédios tem especial altar e onde recebe as homenagens fervorosas de filiais devotos, que vão junto da veneranda imagem da Mãe do Céu, agradecer comovidos, graças do Senhor distribuídas pela mão clemente de Maria Santíssima.

Dentro daquele minúsculo templo, que mais parece uma improvisada tenda de campanha, veio-nos este pensamento: — porque é que esta gente, que se prosterna diante da imagem querida e sagrada a patentejar o seu fervor de gratidão em cultos solenes e pomposos, não

acorda em reunir promessas e sacrificios, acumulando em alguns anos, — poucos, seriam bastantes — para construir neste bucólico rincão marginal do Ave, um templo digno da Senhora, onde lugar tivessem os devotos romeiros e os vizinhos do sítio, e onde a Senhora lograsse culto realizado com imponência mais condigna!

Era tão fácil, dizia-me daí a pouco alguém.

Bastava quererem os principais devotos...

Querer é poder. Quem muito quer muito pode.

Aí fica esta ideia, que lançamos como semente, pequenino grão, à terra boa dos corações generosos, onde crepitam chamas vivas do fogo do amor cristão — filial amor religioso à Mãe que é sempre a eficaz saúde de enfermos e a bem dita Consoladora de Aflitos.

Que esta ideia germine. Erguer um templo católico é firmar e fixar às almas um esplêndido marco miliário para as almas seguirem pelos caminhos luminosos do dever, realizando os ideais mais sãos e mais nobres. — C.

Brito, 1 de Maio

Maio! Mês de flores e alegria; mês de bênçãos e orações.

Nos campos... o odor balsâmico das flores e o trabalho alegre do lavrador.

Ao entardecer, na igreja parochial, orações e cânticos a Maria — flôr mimosa e imaculada da Criação.

Os Romanos incolas antigos da nossa terra, parece que solenizavam este mês com a «Festa das Maias». Esta festa celebrou-se, também em Portugal até meados do século XIX.

Daí, provavelmente, o costume de aparecerem, no dia de hoje, as ombreiras das portas e janelas enfeitadas com giestas de flôr branca (a que o povo chama maias).

Em todas as igrejas de Portugal ressoa um côro de louvores e cânticos a Maria — a Obra-Prima do Criador.

De dia, o povo trabalha e sua. Ao findar o seu labor, vem depor, aos pés da Virgem, os cantares do seu amor e pedir a bênção do seu labutar.

Em Brito, na forma dos outros anos, celebrar-se-á, todos os dias, à tarde, o Mês de Maria, com meditação, cânticos e Bênção com o auxílio do grupo coral da freguesia e acompanhamento de órgão.

Ao convite fervoroso do seu rev. Pároco, todas as famílias manterão, durante todo o mês, uma vela a arder no trono de Maria, para que assim a fé de todos seja um côro unísono de louvores e fé, de amor e preces.

Bem dita aldeia! Como és linda e santa! Como nos sentimos bem, quando, ao findar o dia, vimos junto do altar de Deus e da Virgem

João Ferreira das Neves

Rua de Santo António — Guimarães — Telefone 181

Apresenta para bem servir os seus estimados clientes como sempre os seguintes horários:

Carreira entre GUIMARÃIS e PORTO

Partidas de Guimarães	_____	Partidas do Porto
8 h., 12,30 e 18,15	_____	8 h., 10,15 e 17

Carreira GUIMARÃIS — POVOA DE VARZIM

Partida de Guimarães	_____	Partida da Póvoa
7,30 h.	_____	17,30 h.

Carreira GUIMARÃIS — PEVIDEM

Partidas de Guimarães	_____	Partidas de Pevidem
7,35 h., 12 e 19	_____	8 h., 12,30 e 19,30

meditar as verdades da sã moral cristã, enlevando a nossa alma em doçura mística e ascética!

Viver da aldeia!... sossêgo e paz; saúde e purb gozar!...

— Devido ao tempo primavera com que o Bom Deus nos mimoseou, os centeios apresentam bom aspecto e esperança duma boa colheita. Os vinhedos, devido ao calor destes últimos dias apresentam abundantes cachos, menos o branco em que a produção é diminuta.—C.

Associação Comercial e Industrial de Guimarães

Reunião extraordinária de 4 de Maio de 1936

A Direcção tomou conhecimento dos officios da C. A. da Câmara Municipal de Guimarães, sob os n.º 194 e 207, respectivamente de 24 do mês findo e 2 do corrente, e lamentando que durante estes 4 meses últimos, nada se tivesse feito em prol das *Festas Gualterianas*, resolveu:

a) Aceitar a deliberação camarária que confia a esta Associação o encargo de realizar as *Festas da Cidade*, no corrente ano;

b) Reivindicar para si absoluta autonomia na organização do programa das *Festas* e sua realização;

c) Só dar início aos seus

trabalhos para a realização das *Festas da Cidade*, depois da Comissão A. da Câmara Municipal depositar na Agência da Caixa Geral dos Depósitos desta cidade, e à ordem da Associação Comercial e Industrial de Guimarães, a verba de 70 mil escudos, que sob a rubrica de *Festas da Cidade* se acha inscrita no orçamento municipal para o corrente ano, deliberação esta que não envolve a mais ligeira desconfiança desta Associação para com a Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara Municipal, mas tam somente a necessidade que tem esta Associação, de, ao tomar este encargo, poder trabalhar com absoluta liberdade e segurança.

Guimarães, 4 de Maio de 1936.

A Direcção.

Doenças dos olhos

Dr. Vilas-Boas e Alvim

com prática nos hospitais de Lisboa, Madrid e Paris

CONSULTA:

GUIMARÃIS: Hospital de Santa Casa de Misericórdia, às quartas e sábados, das 9 às 11 horas.

BRAGA: Todos os dias úteis—Largo Barão S. Martinho, 78.

O "Relatório" da S. P. A.

O número 220 do *Notícias de Guimarães* publica o Relatório da Sociedade Protectora dos Animais, relativo à gerência última.

Nele se destaca esta passagem:

«registamos com profunda mágoa que nem as entidades oficiais se interessam, ao contrário do que o bom senso aconselha, pois foi por sugestão dum antigo sócio e fundador desta Colectividade que a Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara Municipal nos retirou o subsídio de Esc. 5\$00 diários. Resultaram dois males desta deliberação, um porque deixou de fazer a apanha dos cães vadios por um processo que não era tam espectacular como o actual e outro porque foi atirar para a miséria o fiscal que esta Sociedade tinha contratado para o fim acima indicado.»

O «antigo sócio e fundador desta colectividade» que praticou o nefando delicto administrativo a que alude o Relatório, é o signatário desta local.

Vejam os:

Serviço da apanha dos cães vadios pelo guarda da S. P. A., em 6 meses — 21.

Serviço da apanha dos cães vadios pela rede municipal, em 6 meses — 32.

Foi perante este confronto que a Vereação deliberou dispensar o guarda S. P. A. economizando 150\$00 mensais.

E não se diga que a rede ocupa mais pessoal. O guarda referido, também utilizava a colaboração dos zeladores.

Mais:

Desde que o serviço da rede seja regularmente feito — uma vez por semana, como foi determinado — as caçadas devem ser mais proveitosas.

Feito o serviço pelo guarda, que só recolhia caça miúda, não era possível melhorar os resultados.

Assim se demonstra que, com a deliberação municipal:

- Melhoraram os serviços;
- Fez-se economia;
- Correspondeu-se ao fim da S. P. A.

O Relatório, porém, insere as suas críticas contra o acto administrativo da Vereação. Ei-las:

- O processo da rede é espectacular;
- Atirou para a miséria com o fiscal.
- Provou desinteresse pela Sociedade.

— Será «espectacular». O garotio, em verdade, desajuda o serviço da rede, enxotando os cães. Mas é mais eficaz a apanha com a rede. E os resultados, neste caso — são tudo!

— A Câmara, não é astlo. Se a S. P. A. antepõe ao seu objectivo de protecção aos animais, o de proteger os inválidos, então, reforme os Estatutos. Pretender

A VOZ DE MOSCOVO

(Atrasado)

Não fica dúvida de que a Espanha vai apressadamente caminhando para graves acontecimentos políticos e sociais, sem que outro rumo por enquanto se anteveja do que aquele que o Komintern lhe traçou, e do qual Largo Caballero é dócil executor.

Vão-se organizando não já somente as células comunistas, mas as recentes notícias que recebemos pela Imprensa de Madrid dão-nos conta da preparação do novo programa agrário e industrial, e bem assim das comissões que, servindo primeiro de Comitês, no momento próprio terão de agir como Sovietes da Agricultura e da Indústria.

E' que o exemplo da Rússia ensinou ao Komintern a mais fácil maneira de sem resistências, mesmo por parte dos camponeses e dos operários, levar a efeito a partilha das terras não pelos pequenos agricultores, e a posse e administração das grandes empresas industriais mesmo as exploradas pelo Estado, não pelos próprios operários, mas umas e outras pelos Sovietes respectivos.

Este processo é não só mais rápido na execução mas sobretudo, pelo princípio de automatização não acarreta resistências armadas nem sequer as passivas, pois que lavradores e operários sabem, assim, antecipadamente, que só o Soviete será o proprietário das terras e das indústrias — sabem que o Soviete será o seu futuro senhor onnipotente.

Prevenindo, porém, quaisquer resistências da parte dos actuais donos das terras e das empresas

sacrificar um serviço da sua função pública a um sentimento generoso, mas restrictamente pessoal, é falhar estruturalmente à sua razão de ser; é negar a sua própria finalidade social.

— Quem, perante os factos, acusa a Câmara de «desinteresse» pela função da Sociedade, não prova ter senso! Pior: não prova saber defender a sua instituição!

Finalmente:

O Relatório quis dar relêvo na censura ao procedimento «do antigo sócio fundador» da S. P. A. Muito obrigado! O signatário não renegou os seus sentimentos de protecção aos animais. E' fiel à sua simpatia pela Sociedade. E' lhe, já agora, indiferente o «voto» expresso no Relatório. Mais que tudo isso, lastima não ver no Relatório — nada, absolutamente nada respeitante aos serviços da Direcção da Sociedade.

Isso sim, que interessava!

A. L. DE CARVALHO.

industriais, organizam-se também actualmente em Espanha destacamentos de camponeses armados que colaborarão com a guarda vermelha das cidades.

Não só para dirigir estes trabalhos de organização mas principalmente para os activar e tornar eficientes, o Komintern destacou para a *Peninsula*, cinco camaradas, além do actual chefe Bela Kun, os quais, cobertos com as imunidades diplomáticas desenvolverão esses trabalhos.

Mais uma vez as notícias que temos de Espanha se referem à *Peninsula*.

Que a sovietação da *Peninsula* entra no programa do Komintern e no do futuro Ditador vermelho Largo Caballero não mostra nenhuma novidade.

Também nenhuma surpresa ou novidade acharíamos na cumplicidade de portugueses nesse plano.

Ela é antiga, e portanto sabida, nem para mais uma vez a assinalarmos é que escrevemos este artigo.

A' voz de Moscovo trabalha-se activamente na *Peninsula* — sabe-o o Governo; mas é bom que o saibam também todos quantos têm por dever pátrio e social, no seu próprio interesse, evitar o mais possível que a crise que se está vivendo nas classes trabalhadoras se não agrave.

Sabemos que a hora que passa é de dificuldades tanto na Agricultura como na Indústria, e por reflexo de ambas, no Comércio.

Ainda será tempo de travar o aceleramento dessas dificuldades?

EUGÉNIO VAZ VIEIRA.

É IMPOSSÍVEL

Não se iludam nem os espanhóis, nem os maus portugueses que além fronteiras andam de gorra com estrangeiros, que, por piores dias que Deus tenha reservados à Espanha, por mais que o fatalismo dum destino que tem de cumprir-se possa levar a Pátria vizinha à desgraça do comunismo, em Portugal nunca será possível verificar-se o triunfo das doutrinas de Moscovo. E nunca será possível, graças ao Estado Novo, à obra eminentemente patriótica e nacionalista que se vem desenvolvendo em Portugal desde 28 de Maio.

Também nós, primeiro até que a Espanha, sofremos as consequências nefastas de certas doutrinas.

Também nós sentimos toda a desgraça de certos erros. Era então o liberalismo, pai devota-

S. TORCATO

No próximo dia, 17, realiza-se neste pitoresco lugar a romaria pequena, que este ano promete revestir-se de desusado brilhantismo, mercê da dedicação e operosa actividade do sr. Alberto Pimenta Machado, juiz da irmandade de S. Torcato.

do do comunismo, que semeava os seus horrores.

Ouvimos, não poucas vezes prometer às classes trabalhadoras regalias a que elas tinham mais que direitos. Ouvimos clamar que elas eram soberanas, senhoras da Liberdade e a Liberdade porque governava os povos, governava o Mundo. Mas vimos também como esses mesmo que faziam tais promessas faltavam a elas. Vimos todos, como os próprios que prégavam o direito à greve, que acirravam o trabalho contra o capital e indispunham o capital com o trabalho, sabiam mandar metralhar os operários quando as reclamações destes não serviam a sua política. São tudo factos recentes, acontecimentos de ontem para que fosse possível esquecê-los já hoje.

Ora o Estado Novo não veio prometer aos operários aquilo que não lhes podia dar. Não apareceu com miragens impossíveis, não proclamou o povo soberano nem lhes arengou um bem estar que não podia conceder-lhe. No entanto fez tudo quanto pôde pelas classes trabalhadoras.

Deu-lhes trabalho onde o não havia. Deu-lhes direitos sólidos onde estes direitos estavam postergados. Roubou-lhes a falsa qualidade de servidores da Liberdade. Mas deu-lhes todas as liberdades que podem ser concedidas num povo civilizado aqueles que trabalham e pelo seu trabalho têm direitos. Emfim, aquilo que a mentira dos comícios liberais tinha prometido mas jamais realizado deu-o às classes trabalhadoras o Estado Novo Corporativo, sem lhes prometer nada.

Hoje há contratos de trabalho, há um horário de trabalho respeitado e cumprido, há obras públicas onde falta a iniciativa particular, há uma clara protecção aos que são atirados para o desemprego, há uma forte organização de providência social, e não há a luta de classes, a guerra civil, autêntica completa, entre os que mandam e são mandados.

Por isto mesmo, por tudo isto, por mais que pese a certos «meneurs», em Portugal jamais será possível o comunismo que os revolucionários espanhóis pretendem implantar, não apenas na sua terra, mas na uossa Pátria. Contra êle opõem-se e claramente as próprias classes trabalhadoras.